

D. Pedro II e o patrimônio histórico do Oriente e o sofrimento humano



Arnaldo Godoy
Livre-docente pela USP

No dia 13 de janeiro de 1877, D. Pedro II, que então viajava pelo Oriente,

proferiu uma palestra em Alexandria, no Egito, tratando de um assunto muito atual: o “vandalismo dos viajantes” foi o tema de sua intervenção. Essa informação é colhida em impressionante e bem redigido e editado livro de Roberto Khatlab, *As viagens de D. Pedro II*^[1]. O autor dessa instigante obra nasceu no Brasil (em Maringá, no Paraná) e presentemente vive no Líbano.

Com base nos diários de D. Pedro II, Khatlab reconstruiu a trajetória do imperador brasileiro no Oriente e no norte da África. Registrou que D. Pedro II não se levava pelo apelo fácil e piegas da romanticização do Oriente, assunto tratado por Edward Said, neste clássico do século XX que é *Orientalismo*. O livro de Khatlab é também daqueles que se lê sem parar, com riquíssimas ilustrações e com comentários inteligentes: há um orientalista brasileiro, certamente.

D. Pedro II inquietou-se com o péssimo estado de conservação dos monumentos que visitou. O vandalismo havia danificado símbolos da cultura egípcia antiga. Khatlab reproduziu excerto de diário de D. Pedro II, que havia anotado, ainda antes, em 17 de dezembro de 1876, que o “Quediva bem poderia gastar uma parte da soma, que prodigaliza com os seus palácios, na conservação desses monumentos, tão interessantes para o estudo do Alto Egito”.

O insólito viajante brasileiro, talvez despido das honras imperiais que quem sabe nem tanto presasse, emblematicamente matiza a reação de um homem culto para com o desprezo dos monumentos antigos. O imperador também andou pela Grécia (de onde derramou cartas à Condessa de Barral)^[2]; na Terra Santa, teria vivido intensamente sentimentos religiosos que no Brasil não demonstrava^[3].

Hoje, notícias sobre a destruição de monumentos históricos, especialmente na Síria, a exemplo do que ocorreu em Aleppo, Bosra, Homs, Alma Arra, Ebla, Baal Shamin, Krak des Chevaliers e Ummayad, entre tantos outros lugares, invoca-nos o desespero de D. Pedro II, ainda que no Egito, e por muito menos.



Tudo isso, sem contarmos a perda interminável de vidas inocentes, em naufrágios e humilhações em outros cantos sentidas, tudo denunciando que a condição humana é por vezes deplorável e que alguns de nós ainda vivemos como nossos mais remotos ancestrais, como que enclacrados em cavernas e armados de pedras na mão.

[1] Khatlab, Roberto, *As Viagens de D. Pedro II, Oriente Médio e África do Norte, 1871 e 1876*, São Paulo: Benvirá, 2015.

[2] Carvalho, José Murilo, *D. Pedro II*, São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 71. Besouchet, Lídia, *D. Pedro II e o século XX*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 330.

[3] Barman, Roderick J., *Imperador Cidadão*, São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 399. Tradução de Sonia Midori Yamamoto.

Date Created

31/01/2016